

PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS: ENTRE O VIR A SER E O SER VULNERÁVEL

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves¹
Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer²
Méri Santos da Silva³

RESUMO: O trabalho configura-se como um ensaio sobre Projetos Sociais Esportivos (PSE) na cidade de Rio Grande-RS. Seu objetivo é problematizar algumas “evidências” pelas quais tais iniciativas sociais reconhecem seu público-alvo: os vulneráveis. Para isso, assumimos a problematização enquanto possível movimento cartográfico orientador da abordagem aos PSE enquanto material analítico. Como resultados, destacamos o deslocamento do reconhecimento representativo dos vulneráveis dos PSE para uma lógica de produção de sentidos, o que nos possibilita suspeitar da existência do vulnerável como uma virtualidade que só tem seu sentido nas imprecisões que indicam a potencialidade do indivíduo ser o que ainda não é.

Palavras-chave: Projetos Sociais Esportivos. Vulneráveis. Problematização.

SPORTS SOCIAL PROJECTS: AMONG PROCESS OF BEING AND BE VULNERABLE

ABSTRACT: This paper appears as essay about Sports Social Projects (SSP) in Rio Grande-RS. We goal is to problematize some “evidence” by which that social actions recognize your audience: the vulnerable. We assume the problematization as a possible guiding movement of cartographic approach to SSP as analytical material. As a result, the displacement of the representative include recognition of the SSP vulnerable to a logic of meaning production, which enables us to suspect the existence of the vulnerable as a virtual reality that only has your sense inaccuracies that indicate the potential of the individual is still is not.

Keywords: Sports Social Projects. Vulnerable. Problematization.

PROYECTOS SOCIALES DEPORTIVOS: ENTRE EL PROCESO DE SER Y ESTAR VULNERABLE

RESUMEN: Este artículo se presenta como un ensayo sobre Proyectos Sociales Deportivos (PSD) en Rio Grande-RS. Su objetivo es problematizar algunas "evidencias" a través del cual este tipo de iniciativas sociales reconocen su público: las personas vulnerables. Para ello, asumimos la problematización como un posible movimiento cartográfico que guía lo acercamiento al PSD como material de análisis. Los resultados, hacemos notar lo desplazamiento de grupos vulnerables reconocidos por representación a la producción de una lógica del sentido, lo que nos permite sospechar la existencia de la vulnerabilidad como una virtualidad que solo tiene sentido en inexactitudes que indican el potencial de la persona de ser lo que no es.

¹ Doutorado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência: Química da vida e saúde (FURG).

² Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (FURG).

³ Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Palabras-clave: Projectos Sociales Deportivos. Vulnerables. Problematicación.

“Qual é a resposta da pergunta? O problema. Como resolver o problema? Deslocando a pergunta”.
(Michel Foucault)

Tratar-se-á aqui de um ensaio, não um ensaio filosófico, mas um modo de ensaiar-se (Larrosa, 2003). De exercitar o pensamento em torno de um tema, estranhá-lo e fazê-lo um problema de pesquisa. É nesse sentido, que direcionamos nosso interesse para a problematização dos Projetos Sociais Esportivos (PSE) e suas projeções sobre determinada parcela da população: os vulneráveis. Para isso, inicialmente, a escrita está organizada a partir de dois movimentos distintos e complementares: (1) a produção de um programa de pesquisa através de distintos empreendimentos; (2) o ensaio enquanto efetivo exercício problematizador. Referimo-nos a eles como distintos porque tratam de investimentos que não se equivalem e, de certo modo, operam isoladamente. Porém, se complementam na constituição de um suporte que torna viável assumir a problematização enquanto um possível movimento cartográfico acerca de determinada abordagem dos PSE.

Primeiramente, como já anunciado, este ensaio se localiza, de forma mais ampla, como engrenagem constituinte de um programa de pesquisa⁴ interessado em ativar uma maquinaria de pensamentos acerca de PSE situados em uma cidade do extremo sul do Rio Grande do Sul e suas interfaces com modos de produzir política e exercer estratégias de governo. Tal empreendimento tem como suporte a produção de um mapa dos PSE na Cidade do Rio Grande – RS, que, por sua vez, fez parte de uma pesquisa financiada pela rede

⁴Referimo-nos nesses termos ao conjunto de empreendimentos acadêmicos que vêm sendo produzidos em torno da temática PSE vinculados ao Núcleo FURG da Rede CEDES. Tomamos tais investimentos como um programa de pesquisa por estarem constituindo um suporte sobre o qual se torna possível a realização de diferentes frentes de pesquisa acerca do tema. Nesse sentido temos como componentes do referido programa: uma pesquisa financiada pela Rede CEDES intitulada “*Projetos Sociais Esportivos e a produção de uma Política Pública de Esporte*”; um TCC – Licenciatura em Educação Física - FURG: “*Mapeamento dos Projetos Sociais de Esporte em funcionamento na Cidade do Rio Grande nos anos 2009 e 2010*”; e duas pesquisas de doutoramento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação e Ciências: química da vida e saúde – FURG, estando uma concluída, “*Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande - RS*” (HECKTHEUER 2012), e outra em andamento, cujo projeto se intitula: “*Por uma atitude cartográfica: quem é o vulnerável dos projetos sociais esportivos?*”.

CEDES⁵ denominada *Projetos Sociais Esportivos e a Produção de uma Política Pública de Esporte*, realizada durante os anos de 2009 a 2011. Enquanto movimento de pesquisa, esse mapeamento assumiu proporções para além da descrição de delimitações geográficas, possibilitando a produção de um banco de dados composto por documentos e entrevistas referente aos PSE mapeados. Superfície fértil para diferentes interesses analíticos. Como efeito disso, tem-se a realização de alguns trabalhos de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física (FURG), além de duas teses de doutorado, uma concluída e outra em andamento.

Neste movimento, indicamos um duplo papel assumido por este ensaio, que o faz simultaneamente produto e produtor, especificamente, de uma tese de doutoramento que projeta cartografar os vulneráveis dos PSE. Cartografia esta, que orienta o modo de proceder frente a pesquisa que compõe o projeto de tese. Mas, também, como atitude que move a escrita deste ensaio. Nesse sentido, destacamos a cartografia como próprio método indicado por Deleuze e Guattari (1995) em *Mil Platôs I*, sobretudo, como modo de conduzir o pensamento às bordas de um problema de pesquisa, atento para com suas multiplicidades e à espreita das linhas heterogêneas que desenham um estrato da população a quem determinados projetos sociais endereçam seus cuidados através do esporte: os vulneráveis dos PSE. Ter-se-ia com isso, o mapa descritivo como produto final da cartografia.

Por outro lado, situamos esse movimento para tratar da potência problematizadora que o produz. Ao nomear Foucault *Um novo cartógrafo*, Deleuze (2005) evidencia no trabalho de seu contemporâneo a arte de mapear o presente a partir do exercício das problematizações que conduziam suas análises. Nascia um cartógrafo: Foucault leitor de Kant e Nietzsche se dedica, incansavelmente à crítica do presente desenhando uma genealogia do poder. Tais

⁵ Centro de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer. Trata-se de uma ação programática do Ministério do Esporte voltada ao fomento de estudos, pesquisas, edição e distribuição de material técnico e científico relacionados ao esporte recreativo e de lazer por meio da produção e difusão de conhecimentos fundamentados nas Ciências Humanas e Sociais.

considerações se desdobram de uma leitura singular feita por Deleuze, pela qual concebe *Vigiar e Punir* um minucioso mapa da sociedade disciplinar.

Foucault sempre soube pintar quadros maravilhosos como fundo de suas análises. Aqui [*Vigiar e Punir*], a análise torna-se cada vez mais microfísica e os quadros cada vez mais físicos, exprimindo os “efeitos” da análise, não no sentido causal, mas no sentido óptico, luminoso, de cor: do vermelho sobre vermelho dos suplícios ao cinza sobre cinza das prisões. A análise e o quadro caminham juntos; microfísica do poder e investimento político do corpo. Quadros coloridos sobre um mapa milimétrico. Esse livro pode ser lido como uma sequência dos livros anteriores de Foucault ou como marco de um novo progresso decisivo (DELEUZE, 2005, p.33-34).

Mas, não basta reconhecer *Vigiar e Punir* como um mapa da sociedade disciplinar para condecorar Foucault um cartógrafo. Deleuze indica um pouco mais, ou muito mais, ao colocar o referido livro em condição de continuidade e, ao mesmo tempo, novidade da obra de seu autor: “uma sequência dos livros anteriores” ou um “marco de um novo progresso decisivo”. Tal leitura evidencia, entre outras coisas, o que já fora anunciado pelo próprio Michel Foucault em sua célebre aula do dia 2 de dezembro de 1970, a qual demarca não só a posse de sua cátedra no Collège de France, como também, um deslocamento em suas análises. Sob o título *A ordem do discurso*, a fala do filósofo move a noção de discurso para outro cenário. Desloca-o das explicações tautológicas de *A arqueologia do saber* para o cenário da guerra, explicitando-o como prática de disputa pelos signos. Teríamos com isso, retomando a leitura de Deleuze, “um novo questionamento do problema do poder” (2005, p.34), reconhecendo os discursos como linhas de força e localizando-os como objeto de uma análise genealógica. Em síntese, considerar Foucault um cartógrafo, implica reconhecer não apenas *Vigiar e Punir* como produto de uma operação cartográfica, mas, notar a atitude do autor em pôr em constante movimento as problematizações que produziu acerca dos diferentes domínios sobre os quais se debruçou.

Considerando tal leitura (Deleuze leitor de Foucault), confiamos a este ensaio a tarefa de compor uma cartografia do vulnerável dos PSE a partir de um exercício problematizador racionado pela seguinte questão detonadora: “quem é o vulnerável dos PSE?”. Nesse sentido, ao qualificar tal questão como detonadora, ratificamos a ideia de problematização como

potência produtora de problemas, ou seja, não tomando por função respondê-la. Ao contrário, para exercitarmos outros modos de pensar os vulneráveis dos PSE, de maneira que possamos deslocar a pergunta das respostas objetivas que os localizam em determinado espaço e os fixam em uma identidade precisa. Desejamos com isso, colocar o uso do termo e seu entendimento assumido pelos PSE sob suspeita, de modo que se consiga operar uma inversão que o retire de uma função representativa e o faça aparecer em sua função enunciativa (FOUCAULT, 2010). Isto é, deslocar o termo de um sentido que o faria traduzir determinada condição ou situação que caracteriza a existência de um estrato da população, fazendo-o aparecer em sua função maquínica, demonstrando seu papel fundamental na produção dos sentidos que tornam os PSE uma realidade.

Diante desse cenário, se destaca o segundo movimento em que situamos este ensaio. Trata-se do ensaio por si mesmo, como um exercício específico de problematização⁶, assumido enquanto objetivo e procedimento de pesquisa. Duplo papel que operam de modo indissociável na perspectiva escolhida. Não se trata de neologismo, mas sim de perceber que a noção de problematização é aqui tomada como modo de proceder com relação ao vulnerável dos PSE, ao mesmo tempo em que o constitui como próprio problema de pesquisa. Isso é ressaltado por entendermos que a relação estabelecida entre pesquisador e objeto é sempre produzida a partir do estranhamento que o primeiro exerce sobre as convicções muitas vezes confirmadas pelo silêncio que paira sobre o segundo.

Nesse sentido, ao atentarmos para as proposições referentes a tais projetos, é possível perceber algumas dessas convicções circundadas por um silêncio que confirma um sentido de obviedade. Uma delas é a noção de vulnerável ativada por tais iniciativas. Noção que

⁶ Judith Revel (2004) chama atenção para duas consequências ao caracterizar a noção de problematização como o pensamento vertical que atravessaria as análises de Michel Foucault. A primeira, influenciada pela leitura que Foucault faz de Deleuze, está na indicação da problematização como o verdadeiro exercício crítico do pensamento, concluindo que a tarefa da filosofia não seria resolver problemas, mas sim, problematizar. A segunda, explicitada nos comentários ao texto de Kant sobre o Iluminismo, evidencia a prática e o engajamento na atualidade como motores da problematização filosófica e geradores de um instrumental conceitual.

tomamos como um enunciado, compreendido assim, por sua função de existência⁷ que o recorta no tempo e no espaço como um acontecimento, ou seja, materialidade de um discurso que é regulada por certas leis de possibilidade, que possui uma posição de sujeito a ser ocupada e que se dispersa em correlação com outros enunciados (FOUCAULT, 2010).

A partir dos próprios projetos materializados em planos de trabalho destacamos determinado conjunto de regras que fazem aparecer o termo vulnerável. É possível, assim, percebê-lo na condição de pré-requisito para o funcionamento de tais projetos, os quais só fazem sentido ao endereçarem suas atividades esportivas a suposto conjunto de indivíduos que estariam à margem de condições geográficas e existenciais que delimitam determinado entendimento de sociedade⁸. Tem-se um campo referencial: a figura de uma instituição (PSE) associada à sensibilização para com o outro, compondo uma ideia de responsabilização social frente à condição de incerteza assumida por determinados modos de vida. É por reconhecer a existência de situações vulneráveis, principalmente referidas à infância e juventude, que os PSE constroem sua potencial materialidade⁹.

Rio Grande [...] encontra-se situada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul [...]. Temos cerca de 200.000 habitantes em 2.814 Km², número este que vem adensando consideravelmente em vista da publicização em função dos investimentos previstos no município.[...]Um polo naval está se desenvolvendo em Rio Grande, sendo a plataforma petrolífera – P53, da Petrobrás, a primeira de muitas outras grandes operações previstas na cidade. Aliado a estes investimentos na zona portuária, antevemos um considerável aumento na população escolar cada vez mais vulnerável à drogadição, principalmente ao crack, avançando sobre uma parcela cada vez maior de nossos jovens e adolescentes (Projeto Integração).

⁷ Segundo Fischer (2001), a ideia de enunciado em Michel Foucault, parece sintetizar uma possível “teoria do discurso” (p.76). Ao mapear o aparecimento do referido conceito em *A arqueologia do saber*, Maria Rosa Fischer destaca algumas expressões usadas pelo filósofo em suas definições de discurso – como: “condições de existência”, “domínio”, “grupo individualizável” e “prática regulamentada” – remetem à definição de enunciado como “função de existência”, a qual se exerce na transversalidade de unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. Nas palavras do próprio Michel Foucault (2010, p.31), o enunciado “é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”.

⁸ Hecktheuer (2012) identifica o funcionamento paradoxal dos termos “vulnerabilidade” e “social”, acionados pelos PSE. Para o autor, ao indicar a existência de um vulnerável “social”, indica-se, também, a noção de que a sociedade está em risco. Desse modo, o referido público não equivale ao “social”, mas sim a parte do mesmo. Nesse sentido, os PSE “colocam em curso uma *segmentação da sociedade* para intervenção, mas o risco maior parece estar sempre ao lado da sociedade” (p.103).

⁹ Os excertos utilizados na sustentação empírica da problematização proposta neste ensaio foram extraídos dos planos de trabalhos dos PSE. Esse material compõe, juntamente, com entrevistas e arquivos de mídia impressa, um banco de dados proveniente 32 (trinta e dois) PSE mapeados na cidade do Rio Grande-RS entre 2009 e 2013.

É possível, também, apreender um sujeito do enunciado. Não um sujeito condizente com estruturas gramaticais nem restrito a quem o pronuncia. Temos sim, uma posição do sujeito que enuncia ocupada pelos PSE enquanto ponto de articulação e agrupamento de determinados discursos a fim de dar sentido a seu público alvo. Por esse procedimento de regulação, o vulnerável se torna possível. A partir da utilização de marcadores estatísticos, mapas de pobreza, indicadores socioeconômicos, contextualização do cenário local, decisões consensuais, ou simplesmente, pela referência de outros projetos sociais em funcionamento, os PSE constroem um pano de fundo sobre o qual produz seu vulnerável.

Esse trabalho visa diminuir a vulnerabilidade social de crianças e jovens residentes no bairro Santa Teresa e Vila Mangueira. [...] O intuito é resgatar a integridade e a dignidade de crianças e jovens, tornando-os seguros e autônomos, características essenciais para que os afastem de representações como: baixa-estima, baixa-sociabilidade, baixa-eficiência e dependência, que são fatores de risco para a agressividade, uso de drogas e problemas comportamentais. Este projeto visa beneficiar sessenta crianças e adolescentes, [...] na faixa etária dos 9 aos 13 anos que encontram-se em situações de risco como pobreza, fome, prostituição, drogas, falta de moradia e outros (Projeto Formando Craques).

[...] Configura-se assim, uma clientela formada, essencialmente por alunos sob risco social. De acordo com Pochmann (2004): “Os jovens são um dos segmentos mais desfavorecidos da população em que se encontram as maiores vítimas da violência urbana, do tráfico de drogas, da prostituição, do trabalho infantil e do trabalho quase forçado, configurando, assim, sua inserção profundamente precária em nossa sociedade”. E, logicamente, entre as diversas carências observadas em nosso município em relação a esta população, encontra-se a falta de acesso a atividades de lazer, esporte e cultura (Projeto Integração).
No início de fevereiro, 27 garotos pré-selecionados passaram por baterias de exames médicos e odontológicos. [...] Conforme Dr. Hormain, os jovens apresentaram enfermidades características das carências sociais as quais convivem: cerca de 30% tinham parasitoses intestinais, 20% estavam anêmicos, alguns também apresentaram quadro de infecção do trato urinário (Fertilizando Talentos).

Ademais, se identifica a relação que o vulnerável mantém com outros enunciados. Elenquemos alguns: risco social, cidadania, valores cidadãos, inclusão social, consciência crítica, ética, significação e valorização da vida. Esses são alguns termos que dão sentido ao campo de enunciados correlatos ao vulnerável dos PSE. Para além desses, temos a ativação de outros que remetem ao funcionamento dos projetos à responsabilização social, à proliferação do uso de drogas e, principalmente, ao esporte como ferramenta educativa.

Tais noções produzem os sentidos que transversalizam frases e proposições materializadas nos projetos, bem como, nos atos de fala de seus proponentes e relativos, como se vê nos excertos que seguem:

Este projeto tem como proposta também, transformar a cidade de Rio Grande RS num polo disseminador de conhecimentos para o ensino do esporte, em suas mais variadas vertentes, através da capacitação e formação de instrutores, auxiliares e equipe multidisciplinar com qualidade, além de ser um grande formador de alunos cidadãos de bem na sociedade, sendo que alguns, inexoravelmente, irão realizar o sonho de ocupar seu tempo ocioso fora do horário escolar. Utilizando o esporte como um processo educacional, no atendimento inicial a crianças e adolescentes, em situação de risco social e pessoal, oriundas de famílias de baixa renda, matriculadas em escolas da rede pública do município, com objetivo primordial o desenvolvimento no esporte (Centro de Referência – Sport Club Rio Grande).
Missão do IEE: “Contribuir para a formação do cidadão crítico e participativo, por meio do processo educativo do esporte, fornecendo o desenvolvimento de comunidades de baixa renda” (Projeto Núcleo Jovem - Instituto Esporte e Educação).

Esses são alguns recortes extraídos de documentos referentes aos planos de trabalho dos PSE mapeados pelo programa de pesquisa referido inicialmente. Na tentativa de fazer aparecer, através dessa breve demonstração, a função enunciativa que produz o público alvo para o qual os PSE endereçam suas ações, destacamos a fabricação silenciosa de uma obviedade. A existência de um estrato populacional vulnerável é considerada óbvia pelos PSE. Por outro lado, tal análise é passível de inversão, pois ao considerarmos sua condição de enunciado, é possível dizer que tal noção carimba em determinados indivíduos a marca de pertencimento a uma categoria específica.

Hecktheuer (2012) coloca em suspeição o aparecimento dos termos “vulnerabilidade social”, “em risco” e “de risco”, que definem o endereçamento dos PSE e, de acordo com os autores abaixo, tais termos ativam mecanismos de governo que, em funcionamento, produzem uma população de vulneráveis tida como agente perturbadora de uma ordem social potencial.

Nestes termos, o risco maior é o de produção da desordem, enquanto o principal objetivo destes projetos parece ser uma tentativa de ordenamento de uma população que está dispersa e, em certo sentido, “desconhecida”. Este sentido, por sua vez, também se duplica: primeiro, pela necessidade destes indivíduos se perceberem e serem numerados, mensurados, localizados como vulneráveis; segundo, pode-se dizer que mais do que se dirigirem aos indivíduos vulneráveis estes projetos “vulnerabilizam” esta parcela da população (HECKTHEUER; SILVA, 2010, p.61).

Guardadas as potencialidades de exploração biopolítica do tema levantadas pelos autores sob a ótica do governmentamento das populações, destacamos a operação analítica que evidencia a função enunciativa exercida pelo vulnerável dos PSE. Movimento próximo ao conceito de nominalismo dinâmico forjado por Ian Hacking (1986) em *Makeuppeople*¹⁰, pelo qual é possível reforçar a noção de que o vulnerável dos PSE só obtém seu sentido, simultaneamente, ao inventar seus indivíduos, pois o referente (pessoas que necessitam de PSE) é produzido. Nesse sentido, o conceito de nominalismo dinâmico, operaria aqui em oposição à ideia de descoberta terminológica, ou seja, trazer à luz um termo que traduza dada realidade. O vulnerável dos PSE, enquanto indivíduo que compõe uma população, não existe até que assim sejam nomeados. “The category and the people in it emerged hand in hand”¹¹ (HACKING, 1986, p. 229).

No entanto, a ideia de referente produzido, que sustenta a tese de *Makeuppeople*, não se restringe à diferenciação que faz alguém ou algo pertencer ou não à determinada categoria. Não se trata apenas de ser ou não ser, mas, das possibilidades que rondam o processo de vir ou não a ser, do que se poderia ter feito e do que se pode fazer. Numa tentativa de operação conceitual em função da problematização disparada neste ensaio, percebemos que os PSE frente à necessidade objetiva de indicar quem são seus vulneráveis acabam rascunhando uma figura desfocada e imprecisa. Como exemplo advindo dos próprios PSE, teríamos uma condição vulnerável preenchida por: crianças e jovens propensas à **ociosidade** nos períodos em que não estão na escola; estudantes de **escolas públicas** localizadas em periferias da cidade; residentes em regiões consideradas **policarenciadas**, que vivem em uma **realidade crítica** e que necessitam, entre outras coisas, da **ocupação do tempo ocioso e ordenação do**

¹⁰ Ian Hacking, em seu texto *Makeuppeople* [Inventando pessoas], traz a baila a noção de nominalismo dinâmico como um conceito chave em suas análises sobre classificação de pessoas. Em oposição à ideia de um possível nominalismo estático relacionado ao ato de descobrir, tal conceito sugere que o ato de classificar indivíduos ou populações está na ordem da invenção das próprias pessoas que delas fazem parte.

¹¹ “A classificação e as pessoas nela incluídas emergiram de mãos dadas” (HACKING, 1986, p.229, tradução nossa).

espaço público; indivíduos tidos como excluídos do acesso às práticas esportivas e de lazer, bem como, de um próprio padrão considerado **social**¹².

Tem-se assim, algumas expressões acionadas pelos PSE ao direcionarem seus cuidados. De modo geral, são caracterizações, descrições estereotipadas, figuras caricatas que compõe uma determinada representação do social e produz o cenário em que os PSE objetivam intervir. Por meio dessas, o vulnerável toma formas borradas, ganha rostos esfumados através de definições imprecisas. A produção de determinada condição vulnerável de vida, nesse caso, é conduzida pelas potencialidades que determinados indivíduos possuem em escapar das representações correspondentes a manutenção e antecipação da ordem de um reconhecido modelo social. Trata-se de um enunciado ativado por uma noção de periculosidade¹³ e que atua na constituição do público alvo dos PSE com base nas virtualidades que os cercam. Desse modo, o vulnerável dos PSE tem seu sentido produzido apenas nas possibilidades de tornar-se algo. Localiza-se na projeção de virtualidades entre o que é e o que poderia, ou melhor, poderá vir a ser. Teríamos um vulnerável virtual? Seriam os vulneráveis, possível somente na ausência das personificações temidas pelos PSE? Afinal, ao endereçarem suas ações às crianças e jovens provenientes de determinadas regiões, de modo a projetar modelos possíveis de vida adulta, o sentido do vulnerável está no que ainda não é, mas tem possibilidade de vir a ser ou poderia ter sido.

Nesse momento, cabe-nos retomar a questão detonadora “quem é o vulnerável dos PSE?”. Não para ancorá-la em uma resposta precisa. Pelo contrário, quando assumimos tal questão como detonadora do exercício problematizador ao iniciarmos este ensaio, buscávamos pulverizá-la antes de cristalizá-la em respostas precisas. Diante das indicações óbvias da existência dos vulneráveis proferida pelos próprios PSE, ao localizarem seu público

¹² Os termos grifados foram retirados de expressões que aparecem com considerável frequência nos PSE ao indicarem seu público.

¹³ Em *Verdade e as Formas Jurídicas*, Foucault (2002) indica a reforma jurídica condição de possibilidade do funcionamento de uma noção periculosidade. “Toda a penalidade do séc, XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que estão na iminência de fazer” (p. 85).

alvo, assumimos como tarefa o desdobramento da questão. Assim, outras perguntas se tronam possíveis: Como se produz um vulnerável? Ou melhor, como se produz as virtualidades que tornam possível a indicação de sua existência? Inquirições que disparam outra ordem de problematizações complementares à primeira. Trata-se do vir a ser condicionado pela figura do outro.

Sabemos que este ensaio não dá conta em ativar e demonstrar outra ordem problematizadora, porém, algumas indicações podem ser feitas. Como efeito da operação realizada até aqui, notamos que os PSE utilizam-se da sensibilização para com o outro como condicionante das projeções que circunscrevem seu vulnerável. Zygmunt Bauman (2009) situa esse sentimento de responsabilidade social como resultado de uma ambivalência moral e ética. Ambivalência que, por sua vez condiciona uma relação paradoxal de dependência entre o reconhecimento do social delimitado por aquilo ou aqueles que não fazem parte do mesmo. Nesse sentido, as possibilidades de determinado indivíduo vir a se envolver com drogas, crime, violência, prostituição, são construídas na fronteira que distingue sua sobrevivência biológica de sua sobrevivência social (BAUMAN, 2005). As linhas de possibilidades de vir a ser que desenham o vulnerável são reguladas pela existência de um refugio, daquilo que é indesejado, desnecessário, que é posto do lado de fora e que, por isso, são virtualizadas em potencialidades de determinados sujeitos. A condição de virtual, nesse caso, seria delimitada pelo real. Ter-se-ia, com isso, a possibilidade de pensar o vulnerável dos PSE como resultado de um processo de virtualização?¹⁴ Como já anunciado, trata-se apenas de indicações necessárias enquanto resultado de um exercício de problematização.

Em suma, assumimos esse ensaio como um disparador de um exercício de problematização acerca dos indivíduos a quem os PSE se endereçam. Ao assumirmos o vulnerável como um enunciado e observá-lo sob a ótica de teses como a da vulnerabilização e aproximando-o das teorizações articuladas em *Makeuppeople*, através do conceito de

¹⁴ Elaboro tal questão com base nas noções de virtualização propostas por Pierre Lévy (2011), ao considerar o virtual “um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata” (p.12).

nominalismo dinâmico foi possível construirmos o problema que orientou tal escrita. Assim, vulnerável tornou-se problema a partir da inversão que o desloca da condição representativa para uma lógica de produção de sentidos. Movimento ativado pela suspeição das convicções que o silencia enquanto mera tradução de uma dada realidade. Por conseguinte, foi possível localizar o funcionamento do referido enunciado num espaço de virtualidades condicionadas pela suposta existência de um modo de vida refugado pelas representações aceitáveis que constituem o social. Dessa forma, a ideia de refugio delinea a silueta de um público alvo que só existe na condição de possibilidade. Um vulnerável virtual que só tem seu sentido em uma faixa nebulosa que indica a potencialidade de ser o que ainda não é.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2005.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio: Editora 34, 1995.
- FISCHER, Maria Rosa Bueno. Sobre discursos e análise enunciativa. In: FISCHER, Maria Rosa Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 73-96.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 18. Ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- HACKING, Ian. Making up people. In: HELLER, Thomas; SOSNA, Morton; WELLBERY, David. *Reconstructing individualism; autonomy, individuality, and the self in western thought*. Stanford University Press, California, 1986, p. 222-236.
- HECKTHEUER, Luiz Felipe. *Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande-RS*. 2012. 156f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS, 2012.



ARTIGO

HECKTHEUER, Luiz Felipe; SILVA, Méri Rosaneda. Biopoder e biopolítica nos Projetos Sociais Esportivos: a invenção de uma população para regulação e governo. In: HENNING, Paula; GARRÊ, Bárbara; LUVIELMO, Marísa. (Orgs.). *Biopolítica e governamentalidade: modos de fazer e gerenciar a educação contemporânea*. Rio Grande: FURG, 2010.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 28, n.2, 2003, p. 101-115.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed.34, 2011, 160p.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, Frédéric. *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.



EDUCAÇÃO FÍSICA: DIGRESSÕES, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

Revista Didática Sistemática, ISSN 1809-3108 v.16 n.1 (2014). Edição Especial. p.362-374